

Democracia e Conflito entre Adolescentes em Escola com Nova Metodologia de Ensino

Cláudia Maria Moura Pierre ¹

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo averiguar a expressão de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Desembargador Amorim Lima, no que se refere à convivência democrática e às relações de paz e conflito na escola. Por adotar um modo diferenciado de ensino que modifica as relações com os estudantes, escolhemos esta instituição como *locus* de nossa investigação. Verificamos, também, a satisfação ou insatisfação dos jovens com a instituição. Relações aluno-professor no contexto da democraticidade, satisfação dos alunos com a escola e a resolução dos conflitos foram o foco da pesquisa. A inspirado na Escola da Ponte, em Portugal. Fizemos uma pesquisa de campo, com enfoque qualitativo para análise dos dados. Utilizamos a observação sistemática, entrevistas e pesquisa bibliográfica e documental. Os resultados demonstraram que os alunos sentem satisfação com seu ambiente escolar. Atribuímos isto à existência da democraticidade, exercida pela participação e Rodas de Conversa. O estudo demonstrou que a democracia não impede conflitos, mas gera relações humanas nas quais há maior possibilidade de resolução não-violenta e que quando não há encontro na emoção, há problemas relacionais. Percebemos que a existência das Tutorias é um fator que favorece a relação entre professores e alunos e pode amenizar ou impedir conflitos.

Palavras-chave: Modos de Convivência, Relações de Paz na Escola, Democracia na Escola, Educação para Paz.

Abstract

This present work had the goal of investigating the expression of students at the The City's Desembargador Amorim Lima Elementary School, with regards to a democratic environment and relationships of peace and conflict within the school. In order to adopt a differentiated teaching method that changes relationships with its students, we chose this institution as "locus" of our investigation. We will also investigated the satisfaction or dissatisfaction of the young students with this institution. Student-Teacher relations in this democratic context, the satisfaction of the students with the school and resolution of conflicts are the focus of our study. The school adopted a model inspired by 'School of Bridge', in Portugal. We carried out field research, focused on qualitative data analysis. We utilized systematic observation, interviews and documental, bibliographic research.. The Results showed that students feel satisfaction with their school environment. This was attributed to the existence of democracy, exercised by participation and Talking Circles. The study showed that

¹ Professora da Universidade Regional do Cariri - URCA. Graduada em Ciências Sociais (Unifor), com Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento (UFC) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora do Cnpq no grupo NECEF - Núcleo de Estudos em Ciência, Espiritualidade e Filosofia, E-mail: claudiampierre@gmail.com

democracy does not prevent conflicts, but it generates human relations in which there is a higher possibility of non-violent conflict resolutions. We realized further that the existence of tutorials is a factor that favors the relationship between teachers and students and can mitigate or prevent conflicts.

Keywords: Human Interactions. Relations of Peace. Democracy. Education for Peace.

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo averiguar a expressão de alunos de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, no que se refere à convivência democrática e às relações de conflito na escola. Esta comunidade escolar tem, como um de seus princípios, a democraticidade. Ela adotou um modo diferenciado de ensino que modifica as relações com os estudantes, por isto, a escolhemos como *locus* de nossa investigação. Verificamos, também, a satisfação ou insatisfação dos jovens com a instituição. No campo teórico, contamos com o suporte Biologia do Conhecimento, desenvolvida por Humberto Maturana, considerando que lançam luz sobre as relações humanas e seus conflitos, além de abordarem a questão da democracia

Há algumas formulações-chaves desta teoria que nos esclarecem acerca da convivência e relações de paz e conflitos, tais como a multiplicidade de configurações de mundo, a noção de democracia como aceitação da legitimidade de diferentes percepções e a assunção de que nossas ações têm fundamento emocional. Elas nos auxiliam a entender sobre os modos de convivência e relações de conflito ou de paz.

Creemos que não há democracia tomada em termos absolutos, mas há orientações democráticas. Pensamos que não se pode rotular instituições em modelos estáticos, restringindo a sua dinâmica dentro de arcabouços teóricos. Numa mesma escola, pode haver instâncias de maior abertura democrática e outras em que funciona o centralismo nas decisões, por exemplo. Além disto, como o próprio Humberto Maturana (1990) afirma, participamos de muitas comunidades sociais ao mesmo tempo. E transitamos entre elas.

Princípios como democracia e paz estão entre as maiores preocupações no que diz respeito ao ato de educar. É justamente sobre isto que nos debruçamos neste estudo.

Sabemos que os conflitos são uma realidade na escola. Mas estes podem ser abordados de modo a cultivar a paz, se houver uma intenção da comunidade escolar de pautar o modo de convivência por valores democráticos que compreendem a aceitação da legitimidade de cada um de seus membros. Supomos que um contexto em que prevalece a democracia favorece a resolução de conflitos, através do diálogo, antes que possa se transformar em violência. cremos que convivência democrática é fator que tem o potencial de erigir interações que podem levar à paz. Consideramos desta forma porque vivenciar a convivência democrática significa, segundo a Biologia do Conhecimento, aceitar a legitimidade do outro, fator que dispensa a violência como estratégia para conseguir atingir necessidades. Num ambiente autoritário, é mais difícil ter as demandas satisfeitas por sua própria dinâmica: tal meio não permite a livre expressão, a participação, e o *ser* não é aceito em sua legitimidade. Estes fatores podem levar à violência. A violência pode ser uma estratégia para conseguir alcançar necessidades não satisfeitas. (ROSENBERG, 2003).

Dito de outra maneira, supomos que um ambiente democrático engendra comportamentos de respeito e interações, nas quais os conflitos têm o potencial de se desdobrarem de modo a restaurar as relações. A escola só prepara para a democracia, se ela mesma for democrática. A escola que observamos é inovadora em termos de metodologia de ensino, de modo que esta metodologia modifica as relações entre professores e alunos, tornando-as mais horizontais.

O modo de convivência no espaço estudado tem um diferencial relativamente às outras escolas, em função da nova arquitetura de ensino, que será explicitada a seguir.

A averiguação do modo de convivência e suas relações foi dimensionada tendo em vista a participação dos alunos e o modo como são solucionados os conflitos. O outro fator analisado sobre o modo de convivência e relações de paz consistiu em inquirir os alunos sobre satisfação ou insatisfação *com a escola*, no que se refere a sentirem-se bem no espaço escolar e às relações de respeito.

Os objetivos específicos foram, pois, conhecer a satisfação dos discentes quanto à escola e verificar o modo de resolução de conflitos.

Como este estudo compreende a questão da convivência democrática ou não e relações de paz, um maior entendimento deste processo pode servir ao propósito de minorar a incidência de conflitos, melhorando a qualidade das relações educador/educando e dos alunos entre si.

A **democracia** escolar e a existência de **conflitos** nas escolas constituem uma preocupação reconhecida por educadores. Além disto, um dos problemas centrais na avaliação de algumas condutas violentas dos jovens, revela que aquelas estão ligadas ao modo como estes são tratados – não tendo suas necessidades atendidas, não sendo aceitos em sua legitimidade. Partimos da acepção de que as condutas são corolários de emoções.

Optamos pelo estudo na escola municipal pública em São Paulo, por ser inovadora em seu método de ensino, fator que modifica, necessariamente, a qualidade das interações sociais. Ela se espelha na Escola da Ponte, em Vila das Aves, Portugal. A Escola Básica Integrada São Tomé de Negrelos (nome oficial da Escola da Ponte), adotou mudanças em seu funcionamento, no ano 1976. Seu ensino não segue um sistema baseado em seriação ou ciclos, e seus professores não são responsáveis por uma disciplina ou por uma turma específicas. As crianças e os adolescentes que lá estudam definem quais são suas áreas de interesse e desenvolvem projetos de pesquisa.

Esta instituição portuguesa está estruturada de modo que não há salas de aula, tal como conhecemos, e, sim, salões de estudo, de forma heterogênea, pois os alunos sentam-se em grupos, em mesas dispostas nos espaços, seguindo, individualmente, um roteiro de pesquisa. Cada aluno tem o acompanhamento de um tutor, mas os professores não são encarregados de turmas, como no modelo tradicional. Eles circulam nos salões de pesquisa, dirimindo as dúvidas dos alunos. Ao invés da divisão por turmas, a escola está organizada em três núcleos - Iniciação, Consolidação e Aprofundamento. Os núcleos dizem respeito a níveis de progressão. Na *iniciação*, as crianças 'aprendem a ler, a escrever e a ser gente' (PACHECO, s/d, p.65). O núcleo de *consolidação* é intermediário, e o de *aprofundamento* corresponde às séries finais do currículo oficial. Todos os núcleos são heterogêneos e subdividem-se em grupos pequenos. Outra característica da

Escola da Ponte é que, através das assembleias, os próprios alunos elaboram as *regras de convivência* que deverão seguir, durante todo o ano.

A escola pesquisada adotou um modelo educativo inspirado na Escola da Ponte. O método expositivo, tão comum no ensino tradicional, acontece somente nas disciplinas de Matemática, Leitura e Escrita, Inglês e Artes; são as chamadas oficinas. O que é relevante, nesta proposta pedagógica, é o incentivo à democraticidade, solidariedade e autonomia. Por isto, nesta escola, a pesquisa adquire maior importância como modo de aprendizagem.

Além do acompanhamento grupal e individual em sala, são os alunos acompanhados mais de perto por um tutor que, ao ater-se a um grupo menor de alunos, preferencialmente durante todo o período de formação escolar, pode orientá-los com olhar mais atento e agudo, indicando e corrigindo rumos. Sendo a busca da autonomia um valor matricial do Projeto, e somente podendo ela fundar-se numa cada vez mais aprofundada auto-avaliação, caberá ao espaço da tutoria auxiliar os professores a implantar e fomentar a auto-avaliação, numa gradual tomada de consciência, por parte dos alunos, de suas capacidades e de suas dificuldades (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA, 2005)

Democracia, na abordagem da Biologia do Conhecimento, é possível somente a partir da emoção de aceitação da legitimidade do outro. A aceitação do outro como legítimo propicia a realização do domínio de condutas democráticas. A democracia, tal como abordamos, pressupõe uma convivência que é possível apenas se as pessoas operarem por meio da emoção que 'aceita o outro como legítimo outro'. A aceitação da legitimidade do outro não evita conflitos, mas nega a negação, evitando a violência.

Modos de convivência podem ser mais, ou menos, conflituosos. A emoção de base na qual há aceitação do outro na convivência, inclui respeito, capacidade de ouvir, consideração pelo outro, exercício da liberdade sem medo e a possibilidade de poder participar e exercer a autonomia. Estes fatores fomentam relações de paz. E são estes fatores que qualificam a democracia. Inferimos que a Educação para a Paz acontece apenas num contexto democrático, e a democracia envolve um modo de atuar em que há aceitação da legitimidade do outro na convivência. A emoção da aceitação, *a priori*, dá condições para que o diálogo aconteça e para que seja possível o enfrentamento de conflitos, de maneira positiva.

A educação, como prática para a democracia, trata da qualidade das relações humanas e de sua realização em suas necessidades fundamentais. Este modo de educar origina um padrão comportamental que conduz a relações, nas quais os conflitos podem ser resolvidos sem o uso da violência.

Partimos da premissa de que a educação democrática leva a uma formação humana que nutre relações de respeito, solidariedade e capacidade argumentativa. Ao contrário, a educação de veio autoritário gera outras condutas, oriundas deste modo de convivência, e tende a exacerbar o conflito.

Observamos como a convivência acontece neste novo modelo, que admite a democraticidade como princípio norteador. Este princípio dá-nos um indício de realização de condutas de escuta, consideração, respeito e participação nos assuntos coletivos. Nossa curiosidade voltou-se também para averiguar como os conflitos são abordados neste contexto democrático. Em nossa escola, deparamo-nos com um dispositivo peculiar no qual eles são expressos e, muitas vezes, solucionados: as Rodas de Conversa.

Conflitos e Rodas de Conversa

Percebemos que os conflitos aconteciam menos por questões de discrepâncias ideológicas e mais por questões emocionais: por falta de apreço, por eles se sentirem ultrajados de alguma maneira, por sentirem falta de segurança ou tratamento respeitoso. Ou seja, por não haver a aceitação emocional do outro junto a si.

Assim se expressa Maturana acerca disto: "vivamos nosso educar de modo que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se, ao ser aceita e respeitada em seu ser, porque assim aprenderá a aceitar e a respeitar os outros" (2002a, p.30). Sem isto, há conflitos.

As Rodas de Conversa são momentos de eles resolverem estes problemas. São momentos de reflexão da prática, dos comportamentos e dos conflitos, além de serem utilizadas como oportunidade de partilha. Elas são um evento coletivo e intersubjetivo. São uma modalidade do que em inglês é chamado de *Talking Cicles*:

são essencialmente dialógicos, democráticos e, portanto, participativos. (PRANIS, 2005).

Tendo participado de algumas Rodas de Conversa, verificamos que, algumas vezes, são os professores que tentam problematizar as questões, noutras são os próprios alunos. Percebemos que, quando a demanda parte dos discentes, há mais envolvimento na discussão. Cada um tem seu espaço assegurado na Roda de Conversa.

Houve um período em que a escola utilizou as Rodas de Conversa dos adolescentes para discutir assuntos genéricos de ordem política ou social. Em nossa escuta, inferimos que este tempo não foi muito apreciado, porque tivemos depoimentos de não-apreciação desta fase.

Numa das falas, um aluno reafirmou esta assertiva. Ele disse que, neste período, as Rodas de Conversa mudaram um pouco de sentido, pois versavam sobre assuntos que não lhes diziam respeito diretamente, daí perderam interesse. Eles não se envolveram com as temáticas a serem debatidas.

Eu achava a Roda de Conversa bem *chata* até o ano passado, porque eles chegavam lá na Roda de Conversa e as professoras começavam a falar ... começavam a falar de assunto que ninguém queria ouvir, então, por isso que ninguém gostava da Roda... (Ago. 2015).

Em outra fala, escutamos:

Acho que a gente devia voltar, retomar esse espaço (Roda de Conversa), onde a gente pode concordar, discordar e mostrar nossas ideias, mas infelizmente a gente não tem conseguido organizar em si as Rodas de Conversa, porque elas de certa forma, acabaram se tornando impopulares. Ultimamente a gente faz mais discussões políticas sobre elementos do mundo de fora da escola do que da escola em si, acho que devia retomar a Roda como algo pra discutir a escola. (Ago.2015).

Inferimos que as Rodas se tornam mais profícuas e despertam interesse quando nelas se trata de expressar algo referente à escola ou à convivência dos próprios alunos.

Entretanto, as Rodas de Conversa podem vir a ser um instrumento poderoso para resolução de conflitos. "Em relação aos conflitos, tipo, a gente sempre resolve eles nas Rodas de Conversa,...,como a XXX falou, os próprios alunos fizeram horário junto com os professores pra dividir a quadra" (Ago. 2015).

Mesmo que achem que nem sempre os assuntos sejam levados em consideração e solucionados, como é a expectativa, não podemos descuidar o fato de a simples realização da Roda de Conversa ser um poderoso canal de participação e expressão dos alunos. Além de outros, é nas Rodas que eles têm oportunidade de se expressar francamente com seus pares ou relatar problemas para colegas e professores. Testemunhamos isto pela fala de uma aluna: -"aqui na escola você tem liberdade pra você falar o que você quiser, pra você colocar assuntos na Roda de Conversa, qualquer tipo de assunto que você quiser falar, os professores vão dar liberdade pra você falar desse tema (Ago.2015). De qualquer modo, é um fórum válido que oferece a todos a oportunidade de falar.

Tem uma participação grande dos alunos na escola, então, tanto na Roda de Conversa, que é um momento que a gente tem pra... A gente pode falar sobre as nossas coisas, então a gente pode, por exemplo, se tem algum problema acontecendo na escola, que a gente tá insatisfeito, o aluno tem essa voz de ir lá, e falar pro professor: -'Eu tô insatisfeito com essa coisa, e eu queria que mudasse' (Ago. 2015).

Consideramos relevante esta afirmação de um egresso da escola - bem em sintonia com características que atribuímos aos conflitos num ambiente democrático. Assim ele falou: "- A 'escola' não tá acima de ninguém na questão de conflito, '[aqui] vai ter os mesmos conflitos que qualquer outra escola, mas como esses conflitos são geridos aqui na escola é que muda" (Ago. 2015).

Vimos que as Rodas de Conversa, pela própria estrutura, são inclusivas e equitativas, de tal modo que cada um pode ajudar a encontrar soluções.

Nem todos os alunos compartilham da mesma opinião acerca das Rodas. Estes depoimentos apenas comprovaram que, para um mesmo evento, cada pessoa percebe de um jeito diferente. Mas fica explícito o fato de que estes momentos são uma oportunidade para os jovens se expressarem, reclamarem e resolverem problemas, no que diz respeito à escola ou problemas relacionais entre os pares.

Dentre as características da democracia, podemos citar o fato de as questões públicas estarem abertas ao exame da comunidade e à possibilidade de resolver diferenças, por meio do diálogo. Maturana afirma que o modo de resolver nossas diferenças é conversando: que estejamos dispostos a escutar reciprocamente, a

mudar de opinião e a questionar a validade de nossas suposições (2014). Acreditamos que as Rodas de Conversa são um poderoso recurso para isto.

Democracia e Satisfação dos Alunos com a Escola

Considerando que a convivência democrática implica princípios e condutas que consideram o outro como legítimo outro, erigimos a hipótese de que um ambiente democrático propicia um maior bem-estar às pessoas, não obstante os conflitos. Isto porque se constrói um ambiente de escuta, de possibilidade de atendimento às necessidades, de validação das pessoas. Portanto, há contentamento em fazer parte de tal espaço social.

Inquirimos os alunos acerca de sua satisfação ou insatisfação, no ambiente escolar. Eis como se expressou um deles:

...Porque nas outras escolas não tem isso, então, se o aluno tá insatisfeito eles falam meio que: 'Meu, o problema é seu', e aí, você não vai mudar nada. E aqui na escola, não. A gente tem esse negócio da participação, então, se você tá insatisfeito com uma coisa, foi o que a XXX falou, a gente vai lá, vai na sala da Ana, pode falar com a diretora, e nas outras escolas, não. É isso, a gente fala diretamente, então, não tem esse negócio de guardar pro aluno, e os professores, eles recebem e eles tentam ao máximo fazer o possível (Ago. 2014)

A participação, elemento básico da democracia, possibilita que membros da comunidade estabeleçam ações em conformidade com seus desejos. A participação, além de considerar a legitimidade de cada um, tem o diálogo como canal de expressão. Esta liberdade de expressão, por nossa experiência, não é algo comum na maioria das escolas tradicionais. Assim se expressa este aluno: "as outras escolas é "tudo" padrão, né? Tudo manda pra diretoria, a diretoria resolve, é suspensão... Aqui não, eles resolvem, tem conversa, chamam os pais pra conversar, vê o que pode fazer pra resolver, e é isso aí". (Ago. 2015).

Ainda em relação à possibilidade de expressão e diálogo, ouvimos esta fala:

A gente pode dar nossa opinião, que nem a Ana falou, e tal, que a gente pode dar nossa opinião, a gente não sabe é se eles vão ouvir, mas a gente pode dar nossa opinião, tem escola que a gente não pode nem falar Na maioria das escolas os alunos não podem nem entrar nas salas dos

professores, nem na sala da diretora, nem na secretaria. Aqui no Amorim, tipo, meu, a gente entra na sala da Ana, a gente conversa com ela diretamente, a gente não precisa falar com alguém pra falar pra ela... (Ago. 2015).

Este outro aluno confirma a existência desta liberdade da fala. Assim ele diz: "- Eu gosto mais dessa escola do que da outra, porque a outra, tipo, a outra você não tinha como ficar muito livre, aqui você já tem, aqui você pode dar suas opiniões (agosto, 2015). A democracia envolve, necessariamente, a liberdade de expressão, liberdade de fazer próprias escolhas (autonomia está vinculada à liberdade).

De modo geral, apesar de problemas e dificuldades, sentimos que a satisfação com a escola é algo bem forte. Um dos depoimentos de alunos foi bem claro, quanto a esta satisfação:

eu acho que se fosse pra eu escolher outra escola, eu sempre escolheria [esta escola] eu gosto de estudar aqui, sabe? Mas eu acho que os alunos gostam por causa da liberdade mesmo, a gente pode falar, tipo, que eles vão ouvir, mas nem sempre resolve o problema. (Ago. 2015).

Para finalizar, consideramos significativo este depoimento de um egresso que hoje faz o curso de Educação na Universidade de São Paulo (USP):

[A escola] é democrática, os alunos fazem a escola, os alunos montam, os alunos têm essa responsabilidade de lidar com a escola,...eu aprendi o que é uma educação com liberdade, eu aprendi o que é ter paixão pelo aprendizado, ter paixão por uma escola,..... minha paixão pela educação vem daqui.(agosto, 2015).

Metodologia de Investigação

A fim de atender às nossas indagações, lançamos mão da pesquisa de campo utilizando a observação sistemática, entrevistas e pesquisa bibliográfica e documental. O caráter qualitativo teve um acento neste método de investigação, por considerarmos a importância de cada experiência individual e do sentido dado a elas.

Participamos do cotidiano escolar assistindo a oficinas, que é como são denominadas as aulas de tipo expositivo, estivemos nos salões de estudos, assim denominados os espaços de pesquisas, e conversamos informalmente com pessoas da comunidade escolar. Também, atendemos às reuniões colegiadas realizadas no período e algumas atividades extracurriculares que acontecem no turno da noite, e entrevistamos professores e alunos. Optamos pela pesquisa de campo, por considerarmos que participar da rotina dos alunos e professores seria a melhor maneira de compreendermos suas ações e expressões, além de uma oportunidade de verificar, *in loco*, como se daria a dinâmica da escola. É no cotidiano que a vida acontece, e nele é revelado o modo como as interações se dão.

O trabalho de campo, como refere Michael Genzuk, em Nogueira Fino (1993, p.04),

é uma experiência altamente pessoal, sendo a interligação dos procedimentos de campo com as capacidades individuais (do investigador) e com a variação situacional o que faz do trabalho de campo uma experiência tão personalizada. De facto, a validade e a riqueza de significado dos resultados obtidos dependem directamente e em grande medida da habilidade, disciplina e perspectiva do observador, e é essa, simultaneamente, a sua riqueza e sua fraqueza.

Em se tratando de teoria, lançamos mão de premissas da Biologia do Conhecimento, como dito. Há dois princípios que a teoria nos concede, e é importante sublinhá-los. O primeiro, já dito, é o reconhecimento de que 'tudo o que é dito, é dito por alguém' (MATURANA, 2003). Reafirmamos este axioma porque tem importância, tanto em referência aos limites e possibilidades do próprio processo de investigação, como nos concede uma explicação teórica para a questão dos conflitos, que são um dos componentes de nossa pesquisa. O outro princípio é de que nossas ações são fundadas na emoção (MATURANA, 2002a). Estes preceitos fizeram parte de nosso modo de fazer pesquisa.

Enfim, amparados numa compreensão de mundo, utilizamos um método de investigação empírica que permitiu-nos olhar de perto o grupo que quisemos estudar. Achamos esta a melhor opção para compreender as relações de conflito na escola e sua dinâmica: participando, observando, conversando. Fazer parte do cotidiano escolar nos permitiu ter acesso a experiências vivas, como a vida de todos os dias estava organizada /desorganizada.

A motivação deste estudo encontra raízes em nossa trajetória escolar, como escrevemos a seguir.

Nossa própria história levou-nos à pesquisa que ora empreendemos. Tendo estudado numa escola tradicional, deparamo-nos com uma estrutura, na qual os alunos não tinham espaço para participação nas decisões escolares e somente os professores e grupo gestor tinham voz. Isto foi preponderante durante todo o processo de educação formal e marcou-nos bastante.

Em função disto, começamos a nos questionar se não haveria outras possibilidades para a escola, para o modo como a educação poderia se realizar. Já na idade adulta, formada na área de Ciências Sociais, tivemos oportunidade de ministrar uma disciplina, Sociologia da Educação. Aí, conhecemos várias vertentes metodológicas, com críticas e possibilidades. Mas uma leitura, particularmente, chamou-nos atenção: foi o livro "A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir" de Rubem Alves. Trata-se de considerações sobre a Escola da Ponte que, como dito, adotou um modelo inovador de ensino/aprendizagem.

Resolvemos, então, debruçar-nos no estudo deste novo modelo pedagógico. Algumas questões pontuais fisgaram-nos - as interações sociais, as modificações que o novo modelo gera no relacionamento entre docentes e discentes, a possibilidade de participação dos alunos na escola e como resolvem os conflitos. Nosso olhar centrou-se nas mudanças que já desmantelavam as possibilidades autoritárias, em que os alunos não tinham voz, nem participavam dos assuntos que lhes diziam respeito.

Fomos visitar a Escola da Ponte, para ver a experiência de perto, em maio de 2012. A visita foi de um dia integral, e consideramos muito profícua. O turno começa às 9 horas da manhã, finalizando à tardinha. Chegamos antes de iniciar e saímos somente no final. Tivemos oportunidade de almoçar com os alunos, observar a dinâmica de ensino/aprendizagem e fazer anotações, durante toda a visita.

Para conseguir autorização, nós nos comunicamos com os próprios alunos, pois são eles os encarregados da Comissão de Visita. Foram eles que agendaram o dia em que poderíamos conhecer a escola. A investigação sobre a Escola da Ponte consistiu na leitura e estudo de documentos oficiais e na observação e registros dos salões de pesquisa. Inicialmente, fomos ciceroneadas por dois 'miúdos' e fizemos uma revista por toda a escola, que registramos por meio de fotos e anotações.

Dirimimos dúvidas com os próprios alunos e tivemos oportunidade de conversar com um professor e com um casal de pais de alunos. Estes estavam presentes num dos salões, a fim de verificar o funcionamento da escola, para decidir se era mesmo aquilo que desejavam para seu filho.

O próximo passo foi observar, dias seguidos, a Escola em São Paulo, por tomar conhecimento que esta havia mudado o modelo de ensino, inspirada na escola em Portugal. Fizemos estudos *a priori* sobre ela, através de documentos no *site* oficial e de várias entrevistas em vídeos, lançados no *youtube*.

Em agosto de 2014, passamos uma semana inteira, com gravador e câmera fotográfica, conversando com alunos, assistindo as oficinas, fazendo observações nos salões de pesquisa e, como dito, participando de todas as reuniões colegiadas que ocorreram no período: do Conselho da Escola, órgão máximo deliberativo e a do Conselho Pedagógico. Naquela semana, fizemos entrevistas semiestruturadas com professores e tiramos fotos, a fim de registrar a arquitetura da escola, pois esta acompanha a metodologia adotada. Também estudamos documentos oficiais, como relatórios da Escola emitidos pela Secretaria Municipal de Educação, Coordenadoria de Educação da Prefeitura de São Paulo e Regimento Interno.

A escola funciona pela manhã e à tarde. À noite, acontecem as reuniões, cursos e atividades facultativas. Estivemos presentes nos três turnos. O segundo período da pesquisa de campo aconteceu em agosto de 2015, ocasião em que fizemos a maioria das entrevistas com discentes e participamos da reunião do Grêmio Estudantil e da reunião da Jornada Especial Integral de Formação (JEIF - coordenação e alguns professores), além de uma reunião com o tutor e pais de seus alunos. Aquela visita também foi intensiva, consistindo numa semana inteira de observações, nos três turnos, fazendo registros do que consideramos importante. À noite, participamos de eventos extracurriculares, como o grupo de maracatu e aulas de capoeira, tal como na primeira visita. Também, nessa ocasião, participamos da reunião do Conselho de Escola, que acontece uma vez por mês.

Um achado, para nós, foi a realização das *Rodas de Conversa*, nas quais tivemos a oportunidade de participar, como observadora, desde a primeira visita. As Rodas de Conversa chamou-nos muito a atenção, pois são nelas que muitos dos problemas vêm à tona e são tratados. Não podemos contabilizar, com exatidão, a quantidade de Rodas das quais participamos, mas, como estão programadas para

acontecer diariamente, nos diferentes grupos, tivemos oportunidade de, pelo menos uma vez ao dia, participar de uma Roda de Conversa.

Como informado, o *locus* de estudo foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental, na cidade de São Paulo. O universo compreendeu alunos e professores, mas neste artigo apresentamos apenas entrevistas e resultados referentes aos alunos.

Entrevistamos um total de 28 jovens: 14 alunos, divididos igualmente quanto à questão de gênero, no turno da manhã, e 14 alunos e alunas, no turno da tarde. Além dos alunos regulares, conseguimos conversar com dois egressos, totalizando 30 estudantes. Conversamos e entrevistamos jovens, cujo nível de escolaridade era equivalente ao das 8ª e 9ª séries do ensino tradicional, porque assumimos que eles já têm uma capacidade maior de argumentação e visto que muitos deles têm uma trajetória de vida na escola, podendo, portanto, expressar-se melhor sobre a dinâmica da escola. A fim de que sentissem com liberdade para falar sem medo, asseguramos que não iríamos nominá-los no trabalho escrito.

Além da observação sistemática nos salões e oficinas e aplicação de entrevistas com alunos, obtivemos dados, por ocasião das Rodas de Conversa e participação nas reuniões colegiadas. Aproveitamos as Rodas de Conversa para colher informações relativas à convivência e aos conflitos. A observação das Rodas de Conversa foi muito proveitosa, visto que é o espaço social em que muitos dos conflitos são explicitados e resolvidos. Procuramos saber sobre os sabores e dissabores da convivência, nesse modelo dito democrático, e sobre a abordagem utilizada para lidar com os conflitos.

A pesquisa teve quatro fases: a primeira, constituída pelo estudo bibliográfico acerca da temática e aproximação da escola, por meio de vídeos, textos e contato com funcionários. A segunda foi marcada pelas viagens, momento em que nós nos lançamos na pesquisa de campo e em que também foram analisados documentos oficiais, tais como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e Regimento Interno. Na oportunidade, foram realizadas entrevistas, anotações e registros fotográficos. A terceira fase consistiu na transcrição das entrevistas e na organização dos dados. Por último, escrevemos os resultados de nossa aprendizagem obtida pelas leituras teóricas e da vida cotidiana.

Resultados

Das entrevistas e das conversas informais que tivemos com pessoas da comunidade escolar, sentimos haver divergências sobre os aspectos em que focamos nossa atenção: na relação professor/aluno e sobre o papel das Rodas de Conversa na solução de conflitos. Entretanto, houve uma expressão contundente em relação às indagações sobre a satisfação dos discentes com a instituição de ensino. Dentre os temas investigados, este foi o que reputamos como mais conclusivo.

Os resultados demonstraram que os alunos sentem satisfação com seu ambiente escolar. Atribuímos isto à existência da democraticidade, exercida pela participação e Rodas de Conversa. O estudo demonstrou que a democracia não impede conflitos, mas gera relações humanas nas quais há maior possibilidade de resolução não-violenta e que quando não há encontro na emoção, há problemas relacionais. Percebemos que a existência das Tutorias consiste noutro fator que favorece a relação professor/alunos e alunos/alunos, pela interferências positivas dos professores e pode amenizar ou impedir conflitos.

As Rodas de Conversa foram o que nos permitiu auferir mais dados sobre conflitos e democracia. Mesmo que nem todos os alunos se expressem durante as Rodas, há possibilidade de fala e de escuta de seus anseios, frustrações e desejos, há um reconhecimento de sua legitimidade. Elas são um recurso para a resolução de problemas que surgem no dia-a-dia. Sabemos que, quando há conflito, o diálogo e a abertura para o outro são fundamentais. Na escola estudada, houve uma recriação criativa do Projeto da Ponte, e consideramos que a adoção das Rodas foi uma delas.

Nas Rodas de que participamos, testemunhamos mais conflitos referentes a desencontros emocionais, por condutas, como falta de respeito, do que problemas relativos a diferenças de ideias. Os conflitos de discrepâncias de ideias foram relativos a comportamentos e normas da escola, e não a questões ideológicas. cremos que isto se deu, por causa do direcionamento dado às Rodas que participamos. Nelas, os problemas relacionais foram o assunto em foco. Quase não

aconteceram conversas em torno de temas polêmicos ou questões mundiais, como alguns professores e alunos mencionaram.

Percebemos algumas condições não muito favoráveis a um diálogo mais profícuo na realização de Rodas de Conversa na escola. Tais seriam o grande número de alunos nas Rodas e, algumas vezes, assuntos que fugiam ao interesse de muitos.

Mesmo com limitações e problemas, por ser um espaço dialógico por excelência, consideramos as Rodas de Conversa um convite para a aceitação da legitimidade do outro. Assim sendo, é um recurso institucional que fomenta relações de paz. O exercício das Rodas de Conversa é positivo na gestão das relações conflituosas na escola.

Consideramos as Rodas uma condição estrutural criada nesta instituição para partilha de experiências e restauração das relações sociais. O simples fato de haver este canal de expressão dos alunos possibilita soluções pacíficas para os conflitos e pode contribuir, também, para a satisfação dos alunos com a instituição.

A prática das Rodas de Conversa e a abertura que os alunos têm nas diversas instâncias capazes de legislar sobre assuntos da escola, promovem uma quebra no paradigma da centralização do poder, propiciando um novo modo de interações humanas. Nas Rodas e reuniões colegiadas, há de se aprender a conviver com o outro numa condição de equidade. Não se pode usar da imposição, mas tais reuniões e encontros nas Rodas levam as pessoas a exercitarem a fala, expressarem seus anseios e construir um mundo em comum.

Ao nos debruçarmos sobre as relações de paz e conflito, acabamos por nos deparar com as relações entre professor/aluno. Vimos que há as Tutorias. O papel do professor tutor foi instituído, primeiramente, pela Escola da Ponte. A relação com o aluno é qualitativamente diferente com os tutores, pela proximidade que engendra. Nas tutorias são criados laços afetivos, tanto com os alunos como com seus pais. Por causa disto, é possível que conflitos entre os jovens sejam evitados, por causa da intervenção imediata e direta dos tutores. Acreditamos que este é outro fator que leva os alunos a se sentirem satisfeitos com a escola. A afetividade promove bem-estar. Podemos afirmar, portanto, que a instituição das tutorias tanto auxiliam na solução de problemas potenciais, contribuindo até mesmo para evitá-los, como contribui também para a satisfação dos alunos com a escola.

Pensamos que um modo de convivência em que as relações não sejam hierárquicas é difícil de acontecer, em se tratando de grandes instituições e organizações. Cremos que a convivência em que haja aceitação do outro como legítimo, acontece no interior de pequenos grupos. Entretanto, nas instituições pode-se configurar relações de trabalho e hierárquicas, mescladas com relações que Maturana denomina de sociais. Nelas pode-se gerar uma cultura em que haja mecanismos de participação democrática e, portanto, relações de igualdade e de reconhecimento da legitimidade.

O maior obstáculo em se estabelecer relações *sociais* encontra-se na ausência de amor, na ausência da aceitação do outro. Um dos grandes impedimentos às relações de paz e democracia é o não darmos conta da negação do outro e o operarmos como se tivéssemos acesso a uma realidade independente de nós, observadores. A postura de alçar-se dono da verdade estabelece a exigência e justifica a coação, ou seja, obriga o outro a fazer o que ele não quer, eliminando toda possibilidade de relações de paz. Isto ocorre ao não considerar que "tudo o que é dito é dito por um observador". (MATURANA, 2002b)

Somos cientes das dificuldades de viver a democracia, pois nem sempre estamos no amor..., mas cremos ser possível uma construção democrática a partir do desejo de um mundo compartilhado. É importante, então, questionarmo-nos sobre o que anelamos. Queremos construir um projeto comum de vida, ou excluir o outro, presos na tentação da certeza? Novamente, há de considerarmos o desejo, 'os querereres' (emoções) e a noção de realidade.

Para que relações democráticas se estabeleçam nas escolas, é necessário cultivá-las através de uma série de dispositivos tais como leituras de textos sobre a temática, implantação da mediação de conflitos e instâncias de participação. Pensamos ser fundamental atentar para as relações entre os sujeitos, procurando estabelecer o diálogo e deixar aflorar, no exercício da convivência, a emoção do amor - da aceitação do outro. Se relações de amorosidade forem uma realidade, as relações de paz serão consequência natural.

Os conflitos são uma realidade na escola e na convivência humana em geral, justamente pela ausência da emoção de aceitação. Mas o modo como se lida com eles num contexto de democraticidade tem um diferencial que favorece a

restauração das relações de paz. No caso específico da Amorim Lima, as Rodas de Conversa podem ser usadas para enfrentá-los.

Conclusões

A conversação é possibilitada pelas Rodas, mas, sem um encontro emocional, cremos que fica mais difícil o diálogo. Maturana afirma que, para resolver dificuldades que surgem na convivência, em função das diferenças, temos que conversar. Mas, como mencionado, para conversar devemos estar "dispuesto(s) a escucharnos reciprocamente, tenemos que estar dispuestos a cambiar de opinión, si es lo que cabe por ser necesario y... a mirar la validez de las posiciones que tenemos" (MATURANA, 2014).

Necessário dizer que, apesar de haver a abertura para o diálogo, nem todos se conduzem com disponibilidade para o outro, porque estão presos à tentação da certeza ou, simplesmente, porque não vivem, a partir da aceitação. Assim, pode acontecer de usarem a fala para desqualificar o colega e tentar impor seu modo de pensar.

Atribuímos a grande satisfação dos alunos pela possibilidade de grande participação e intensos diálogos, presentes na escola, cuja proposta faz parte do projeto democrático. Pensamos que a satisfação advém do fato de que é importante se sentir *parte* de comunidade.

Uma maior satisfação dos alunos com seu meio social revela, também, a qualidade das relações que vivenciam. Isto, portanto, põe à mostra a dinâmica social em que estão inseridos e ajudam a construí-la. Apesar de eles mesmos criticarem aspectos da escola, os alunos entrevistados manifestaram ser prazeroso estudar com esta metodologia e com a liberdade que gozam no espaço escolar.

Este fator nos levou a tecer algumas considerações. A mais importante é que, num ambiente em que os alunos têm mais liberdade de expressão e de ação, eles se sentem mais à vontade, sentem bem-estar. Em tal ambiente, há uma maior possibilidade de realização do ser, de que possam florescer, desenvolver-se sem amarras, sem ameaças. Cremos ser este um dos fatores principais que contribuem

para a satisfação expressa pelos estudantes. Este fato corroborou nossa ideia de que "um ambiente democrático propicia um maior bem-estar às pessoas, não obstante os conflitos" (vide pág. 7)

Podemos afirmar, a partir de nossa permanência na escola e dos dados auferidos, que, no contexto estudado, há uma disposição emocional e, portanto, atitudinal, para que os conflitos sejam resolvidos de modo a atender às necessidades das partes conflitantes, sem o uso da sanção imediata, como 'ida à diretoria', suspensões ou implantação de outros recursos que dispensam o diálogo e o acolhimento. Testemunhamos a participação dos alunos, a aceitação da legitimidade e a cooperação entre o corpo docente em miríades de atividades na escola.

Uma das diferenças, em relação à educação autoritária, é que a educação para a paz e democracia proporciona-nos condições para que os conflitos sejam enfrentados, tendo em vista a restauração da harmonia. Ou seja, o modo de convivência democrático gera uma dinâmica, na qual os conflitos podem ser abordados, restabelecendo as relações sociais. Para isto, é necessário cultivar emoção de aceitação do outro junto a nós, se quisermos configurar um modo de convivência harmonioso.

A implantação de novos paradigmas em educação exige tempo, integração da cultura engendrada pela comunidade escolar e uma modificação no papel dos professores. Isto, como disse uma das pedagogas, é um aprendizado árduo, pois requer um desmantelamento do que aprenderam, em sua própria vivência de escola. Grande parte dos docentes precisa passar por uma transformação pessoal, a fim de se adaptar a este modelo.

Acreditamos que esta pesquisa abre espaço para novas indagações e futuras investigações. Cremos que ela contribui com reflexões que nos levam a vislumbrar novas possibilidades para a educação, que propicie o florescimento das potencialidades humanas, de modo agradável, e que promova a aprendizagem de uma convivência mais harmoniosa.

Nosso desejo é que configuremos um tipo de escola que melhore a experiência dos educandos nas escolas, tanto em se tratando de conteúdos como de convivência. Ou, como afirma Professor Pacheco de um jeito simples: "um lugar onde deliberada e intencionalmente se chega (para com outros!) fazer crianças [e

professores] mais felizes! (s/d, p. 83). Para ele, "é feliz a criança a quem se permite satisfazer a liberdade de acção num ambiente de segurança, confiança e apoio criado pela presença dos educadores" (idem, p.72).

Portanto, considerando que as interações humanas acontecem, de um modo ou de outro, dependendo de qual emoção suscita o domínio de ações, cumpre nutrir uma cultura, na qual a emoção fundante seja aquela que suscita um domínio de ações que contribuam para o desenvolvimento e realização plena do ser humano.

Em suma, pensamos que um modo de convivência, no qual a tônica principal são relações democráticas, favorece o cultivo da paz, apesar dos conflitos. Isto é assim, porque nele há oportunidade de as pessoas se expressarem e porque cada um é reconhecido em sua legitimidade. Estes fatores levam à possibilidade de solução não violenta dos conflitos. Desta maneira, o que potencialmente poderia levar a condutas violentas pode percorrer o caminho rumo à pacificação das relações. Relações de convivência, na qual as pessoas são reconhecidas e aceitas amenizam os atritos e favorecem a solução de conflitos, evitando, assim, a violência.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus Editora, 2004.

CNNCHILE. Youtube. *Humberto Maturana: los estudiantes quieren un espacio de formación de ciudadanos*. 10/05/2014. Acesso em janeiro 2016.

SÃO PAULO. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Coordenadoria de Educação do Butantã. *Projeto Educacional: conhecimento de autonomia*, EMEF Desembargador Amorim Lima, São Paulo: Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria de Educação do Butantã, 2013.

FINO, Carlos Nogueira. *Etnografia Enquanto Método: Um Modo De Entender as Culturas (Escolares) Locais*. Disponível em http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fino-Etnografia_enquanto_metodo.pdf . Acesso em 07 fev 2016.

LASMAJADASDEPIRQUE. Youtube. *El Arte de Conversar. Maturana e Dávila*. junho de 2015. Disponível em www.youtube.com/watch?v=6qdCIJ6DKBU. Acesso em 2016.

MATURANA Romesín, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política(a)*. Coleção Humanitas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002a.

MATURANA Romesín, Humberto. *Ontologia do Conversar*. Extraído de *Persona y Sociedad*. v. III, n. 2. Tradução de C. Magro e N. Vaz. Santiago del Chile: Mímeo, 1989.

MATURANA Romesín, Humberto. *A ontologia da realidade(b)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002b.

MATURANA, H. e VARELA, F. *A árvore do conhecimento, as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo, Editora Palas Athena, 2003.

MATURANA, H. e VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amor y juego. Fundamentos olvidados de lo humano, desde el Patriarcado a la democracia*. Colección Experiencia Humana. Santiago: Editorial Instituto de Terapia Cognitiva, 1993.

MATURANA, H. *Entrevista Humberto Maturana*. Brasília, Revista Humanitates, nov. 2004. Entrevista concedida a M.H. Sacramento e A. J. H. Vieira. Disponível em <<http://www.humanitates.ucb.br/2/entrevista>>. Acesso em 24 de maio de 2016.

PACHECO, José. Fazer a Ponte: uma escola sem muros. in: CANÁRIO, Rui, MATOS, F. ; TRINDADE, R. (orgs.). *Escola da Ponte: defender a escola pública*. Disponível em http://www.academia.edu/1570167/ESCOLA_DA_PONTE_ESCOLA_DA_PONTE. [s/d]. Acesso em maio 2016.

PRANIS, Key. *The Little Book of Circle Processes: A new/old approach to peacemaking*. Intercourse, PA: Good Books:2005.

PORTUGAL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *ESCOLA DA PONTE. Projeto Político Pedagógico*. Disponível em <http://www.escoladaponte.pt/> Ministério Educação e Ciência. Governo de Portugal. s/d. Acesso em julho 2012.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Disponível em <http://amorimlima.org.br/> Acesso em julho 2014.

UNESCO. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. XXI. *Educação, um tesouro a descobrir*. Disponível em www.unesdoc.unesco.org. Acesso em 21/03/12.

ROSENBERG, Marshall. *Life-Enriching Education*. Califórnia: PuddlerDancer Press, 2003.